

Gazeta Medica da Bahia

PUBLICAÇÃO MENSAL

Anno XXX

Maio 1899

Numero II

HYGIENE PUBLICA

A FEBRE AMARELLA NA BAHIA

No intuito de os conservar nas paginas desta *Gazeta*, como documentos historicos da crise epidemica que atravessamos e do estado da hygiene publica nesta Capital, transcrevemos o appello dirigido ao Governo do Estado pelo *Diario da Bahia*, conceituado orgão da nossa imprensa, em prol da saude publica, a resposta do Secretario do Interior á direcção dessa folha e a refutação produzida por esta com o testemunho de grande numero de professores e clinicos aqui residentes.

Destes documentos resalta evidentemente a confirmação de quanto dissemos no numero anterior sobre a incuria da administração do Estado em relação aos serviços de hygiene, cuja organização ha muitos annos reclamam a imprensa diaria e a professional.

Appello necessario

« Volvamos-nos ainda uma vez para o estado sanitario desta capital; a saúde publica reveste tal importancia, é condição tão imprescendivel á marcha desassombrada para o progresso, que importa fomentar o nosso evolver, fazendo della a preocupação de todo instante, o alvo de esforços continuos e bem dirigidos.

Infelizmente se nos vae muito afastada a possibilidade de erguer dithyrambos aos que, no exercicio do seu mister, teriam a exclusiva superintendencia do conjunto de medidas asseguradoras do bem estar da população; estreitados pelas reclamações que nos chegam de todos os lados, com a insistencia que geram os factos reproduzidos, move-nos a intenção de despertar a attenção da auctoridade sanitaria para a quadra que atravessamos, muito mais carente de cuidados do que a muitos se affigura.

Condições diversas, desde os factores mesológicos até os elementos que servem á nossa nutrição, encarecida e abastardada pela qualidade somenos, favoreceram e favorecem ainda um certo grupo de molestias, que, nos visitando peregrinamente pelos calores estivaes, vão-se, entretanto, ás primeiras chuvas, aos primeiros ventos, tangidas por esses meteoros, sem que possam, pela natureza salubre do sólo nosso, profundar raizes que lhes tragam duradoura persistencia.

A fatalidade que nos chumba ás tribulações do presente, fez da estabilidade dos morbos infecciosos mais uma provação á nossa energia, mais incitamento á destruição de enfiços, um desafio á nossa capacidade para a lucta. Fortes pelos meios que a sciencia nos fornece, fortes pela confiança que á sua pratica assegura, deveriamos sahir triumphantes sempre na defeza da nossa vida, nas lides para a conservação da nossa integridade funcional; entretanto, marchamos de vencida ante a progressão da febre amarella a campear em todos os pontos da cidade, embora o injustificavel proposito de evitar terrores façam-na transfigurada em affecções differentes.

Perquirindo das causas que nos trazem envolvidos ainda com males, cujo desapparecimento deveramos de ha muito assignalar, força é confessar que nada se tem feito

ou que problematicas providencias se conservam acasteladas, por desventura nossa, nas ameias da inefficacia.

A Hygiene nos armou com diversos recursos para oppormo-nos á tyrannia dos flagellos, mas para mostrar como são elles realisados entre nós, basta accentuarmos a maneira pela qual é executada a desinfeccção. Para o emprego racional da technica desse meio seguro de saneamento, creou ella a exigencia da capacidade. Ao profissional apercebeu de garantias de exito; ao leigo, porém, reservou a improbabilidade de invasão subita de attribuições. Não se formam desinfectadores repentinamente; o officio suppõe os devidos conhecimentos, a idéa nitida do valor dos meios prophylaticos, para que desta surja a preferencia por uns em circumstancias dadas e a sua rejeição modificadas as condições. Provém disso a nossa desdita.

Descurando dos methodos technicos, a repartição sanitaria objectiva medidas que nada têm de scientificas e transforma um recurso extraordinario para objectos de valor nullo ou inserviveis em pratica habitual. Ao fogo, é o lemma.

Pelas chammas purificadoras passam custosas roupagens, objectos luxuosos, papeis, tetéas, productos de arte, etc.; e, quando a faina incineradora nada mais tem dos pertences do victimado em que exercer a oppressão, volta-se para os instrumentos cirurgicos a que o clinico em ultima esperanza recorreu no empenho nobre de vencer a morte e nelles ateia incendio; o fogo é o purificador por excellencia.

Mas incineração não é desinfeccção; é sophisma, é destruição.

Escapos á energia calorifica da combustão, continuam a pompear por toda parte os germens pathogenos; levam-nos aos pés os mesmos desinfectadores, apanhados ao sólo que não desinfectaram; levam-nos nas roupas para as quaes

os tangeram com os movimentos bruscos e desordenados; deixam-nos ficar nas paredes, nos tectos, nas vidraças, em todos os cantos e frestas.

Como meio de sanear as dependencias da casa, simples fumigações em pleno ar satisfizeram á consciencia dos credulos funcionarios; simples fumigações de resultado incerto, como se estivessemos nos tempos historicos da Grecia quando as praticas saneatorias andavam confundidas com as ceremonias religiosas e se atacavam molestias thuriferando ao deus dos pampanos.

E como se faz necessario a reforma do proceder actual aproveitando-se apparatus proprios que possuimos, taes as estufas de Geneste e Herscher, de Scheffer, os aspersores, pulverisadores, etc.; como a constituição medica reinante exige a adopção de processos verdadeiros de antisepsia, arredando a irrisão dos estrangeiros que nos começa a pungir, levamos ao Sr. Secretario do Interior um appello sério, tão sério quanto a gravidade do mal que nos assedia, para se nortearem por normas differentes os encarregados de garantir a saude publica.

Ella é tudo num povo.»

(*Diario da Bahia.*)

Carta do Secretario do Interior

«10 de Maio de 1899.—Illm. Snr. Director do *Diario da Bahia*.—A vossa excellente folha, occupando-se, em 7 do corrente, da febre amarella, que julga haver assumido entre nós «um character de verdadeira epidemia», escreveu as seguintes linhas, que aqui transcrevo:

« Não nos consta, entretanto, que a auctoridade sanitaria tenha empregado todas as providencias que o caso requer, senão para extirpar o morbo, ao menos para minorar os seus effeitos. »

Tinha eu a mão na penna para fazer-vos algumas ponderações a respeito deste juizo do *Diario*, quando li na edição de hoje mais estes conceitos, em appello que me é provavelmente dirigido:

«Deseurando dos methodos technicos, a repartição sanitaria objectiva medidas que nada têm de scientificas e transforma um recurso extraordinario para objectos de valor nullo ou inserviveis em pratica habitual. Ao fogo, é o lemma.»

Antes de tudo, posso affirmar-vos que o fogo não é o lemma do nosso serviço de hygiene. Elle não o reputa um *sophisma*, como vos parece, mas um *purificador por excellencia*, na vossa propria phrase; entretanto não o applicou jamais a «custosas roupagens e a objectos luxuosos», mas a colchões e travesseiros e ás roupas de pouco valor, do uso dos doentes, durante a molestia. Nos mais casos procede como no do convento de S. Francisco, que é muito recente e notorio, e em que, passadas pela grande estufa que possuímos todas as roupas daquella comunidade, foram depois utilizadas impunemente pelos religiosos, após o seu regresso a esta cidade.

E vem a proposito lembrar que aquelle incidente é por si só bastante para provar que para alguma coisa vale o nosso tão perseguido e malsinado serviço sanitario, pois que foram então empregados por elle tão proficuos meios de acção, que ficou alli mesmo extincto o fóco de infecção; e quando mais tarde a molestia salteou a rua Carlos Gomes, e marchou numa linha caprichosa pelas ruas Pedro Luiz, Forte de S. Pedro, Campo Grande e Canella, a nossa policia sanitaria a acompanhou passo a passo, até extingui-la completamente naquelle ultimo ponto, de onde desapareceu.

Isto demonstra que não ha motivo para tamanha inveja do que se está passando em Buenos-Aires, onde

aliás são absolutamente diversas as condições de invasão da febre amarella.

Alli, por exemplo, *vae-se fazer* a desapropriação do bairro de Belgrano. Pode ser que sim... O que eu não sei é si aqui *poderíamos pensar* na desapropriação do de Itapagipe ou da Barra...

E já agora commentarei outro modo de julgar da imprensa a respeito dos nossos trabalhos de desinfeccção nos predios em que ha doentes ou dão-se obitos.

Segundo li em mais de uma das nossas folhas diarias, são aquelles trabalhos improficuos e nullos, anti-scientificos e rídulos, além de incommodos e vexatorios.

Ora, em primeiro logar, tem este serviço em seu abono a opinião de abalisados clinicos desta Capital, como os Drs. Silva Lima, Nina Rodrigues, Ramiro Monteiro, Pacifico Pereira, Alfredo Britto, Castro Rebello, Lydio Mesquita, Gustavo dos Santos e outros, os quaes o solicitam frequentemente da repartição de hygiene. E' absurdo suppor que profissionaes de tal ordem recorressem aquelles meios de saneamento, si lhes não reconhecessem serventia e valor.

Em segundo logar, o proprio Dr. Benites, que vi ha dias citado em honra do serviço sanitario da Capital Federal, exprime-se desta forma em referencia ao ponto em questão:

« Aqui como lá, (Rio e Buenos-Aires), como em toda a parte, ha que luctar com a ignorancia, um pouco tambem com a má fé e com o justo temor que têm as familias pelas medidas de desinfeccção e isolamento que se tomam com seriedade, e que são naturalmente molestas e afflictivas. »

Mas não é este o meu objectivo ao dirigir-vos a presente carta, cuja extensão obrigada me desculpareis; o meu objectivo é inteirar-vos e ao publico de qual é a

situação real do estado sanitario desta Capital e dos meios de acção a proposito empregados pela repartição de hygiene, assim como reclamar no foro da imprensa contra o tom aggressivo, deprimente e exaggerado, com que alguns de seus orgãos se têm occupado do serviço sanitario e dos funcionarios incumbidos da nossa policia sanitaria.

Realmente leio frequentes referencias pouco lisongeiras á proficiencia e honorabilidade desses funcionarios, e com desgosto tenho verificado por mim mesmo que, salvo uma ou outra irregularidade, no grande numero dos casos a imprensa não tem razão; e não a tem, porque não quer.

Com effeito, denuncia a imprensa que o bairro da Victoria está sendo devastado pela epidemia, e a hygiene verifica que não ha alli, no momento, senão um caso do mal; denuncia a imprensa que ao largo Dois de Julho deram-se nove casos, e verifica a hygiene que naquella rua houve apenas um caso; denuncia a imprensa que em Itapagipe conta-se actualmente por dezenas os doentes de febre amarella, e a hygiene verifica a existencia de um ou dois; denuncia a imprensa que esta cidade está assolada por uma *grande epidemia*, e o testemunho dos clinicos de maior nota, e os boletins do serviço sanitario, contrariam esta asserção; denuncia, finalmente, a imprensa um caso de sensação á Boa-Viagem, e recusa-se depois a publicar a informação official que se lhe offerece em contestação decisiva do factol

Eis aqui porque digo que a imprensa não tem razão, porque não a quer ter.

Ella me perdoará a franqueza da expressão, que não pôde deixar de corresponder á liberdade com que ella usa do seu direito de censura.

Quando esta cidade foi assaltada pela grande epidemia de variola em 1897 (epidemia que, não convém esquecer, a

nossa policia sanitaria conseguiu debellar em noventa dias, obtendo muito lisongeira porcentagem na mortalidade), a imprensa tambem alvoraçou-se e começou a malsinar o nosso serviço de hygiene. Eu mandei então abrir-lhe as portas de todas as enfermarias e institutos sanitarios, para que ella podesse colher alli informações positivas, que a habilitassem a criticar ou louvar com segurança e justiça.

Devo dizer (e a imprensa me absolverá ainda da confissão publica), ninguem della jámais nos appareceu.

Ainda agora estamos todos á sua disposição, e ella não nos deu a honra de uma visita.

Porque não o faz ?

Isso a impediria de julgar-nos tão severamente, e lhe pouparia o trabalho destas interrogações:

«Para que as reservas sobre esta desgraçada situação? Que tem feito a hygiene? Que conta fazer para evitar a devastação do mal terrivel?»

Não lhe sabiriam igualmente da peenna estes e outros conceitos, ainda mais deprimentes:

«Seria o maior beneficio prestado se o governo federal podesse intervir, pondo um paradeiro a tão triste estado, a que infelizmente se acha entregue a saude publica na Bahia.

«Toda a gente o sabe, menos a hygiene, que vive teimando em chamar de *biliosa remittente* a febre que mata pelo vomito negro, e que diz que está agindo, mas a peste augmenta, porque os fôcos de infecção continuam francos e desimpedidos, as inhumações se fazem como as dos cadaveres dos que pereceram de outras molestias, as desinfecções são irrisorias, e mais constituem uma desgraçada fonte de prejuizos para os moradores das casas infeccionadas, do que um meio scientifico de proteger e assegurar a saude publica.»

Tudo isto é injusto, e está a desafiar formal contestação.

Nós não temos certamente um serviço de hygiene perfeito e completo; longe estamos até do que possui na especie a capital de S. Paulo, ou mesmo o Rio de Janeiro; dispomos, entretanto, do que é essencial para não deixar correr em abandono os interesses da saude publica em quadras normaes e crises epidemicas.

E não dispomos automaticamente disso: sabemos pôr em acção esses recursos á proporção que delles ha mister, conforme o attesta a epidemia de 1897, em que o governo utilisou promptamente os serviços de 22 medicos e 80 auxiliares, além da montagem de 4 enfermarias, e da aquisição e aproveitamento de estufas, pulverisadores, aspersores, malas e outros apparatus e utensilios necessarios no momento.

Tudo isto ahí está, e vae tendo applicação á proporção que é preciso; e se a imprensa se dignasse acompanhar o movimento do nosso serviço de hygiene, se convenceria de que elle existe e não é nullo, de que elle acóde a todos os pontos e a todas as reclamações que lhe são feitas, e de que tanto é real e benefica sua acção, que não ha exemplo de uma exigencia rasoavel do publico ou da imprensa sem satisfação, e o que mais é, em todos os predios em que elles tem procedido ás beneficiações scientificas, em regra não se hão reproduzido casos do mal.

De tudo isto e de todas as providencias tomadas pela hygiene com caracter prophylatico ou aggressivo, dá noticia diaria ha muito tempo o expediente official publicado; mas a insistencia de alguns jornaes sobre pontos mais de uma vez explicados e esclarecidos, faz me suspeitar que aqui na Bahia quem menos lê a imprensa é a propria imprensa. E' outro peccado que eu confesso, e de que tambem lhe peço me absolva.

Do que a hygiene, porém, não pôde ser culpada é da sonegação de enfermos, dos erros de diagnostico, da falta

de apoio e auxilio de alguns facultativos, da prevenção natural e costumeira do povo contra as coisas da sciencia e de tantas outras contrariedades, que se oppõem ao serviço sanitario, aqui como em toda a parte.

Temos, porém, na Bahia actualmente uma grande epidemia devastando a cidade?

Esta é a questão, e eu lhe respondo negativamente, firmado no conhecimento consciencioso do nosso movimento sanitario, e no parecer de medicos de alta competencia, quaes os doutores Silva Lima, Ramiro Monteiro e Nina Rodrigues, a quem ouvi.

O que me admira, e o que deve causar estranheza a todo o homem de sciencia, é que ha mais tempo não estejamos sendo victimados por uma grande peste, desta ou daquella natureza, conhecidas como são as condições anormaes em que está vivendo a Bahia, grande centro de população, sem exgottos, sem asseio, sem luz, sem agua, flagellada ha longos mezes pela secca, e mais ainda por uma alimentação viciada, insufficiente e infelizmente explorada.

Não se levará certamente á conta da nossa hygiene a concumitancia de todas estas causas da nossa actual desolação.

Pois bem: dessá fonte é que derivam os nossos males, contra os quaes, posso affirmar, nem tem havido incuria da hygiene, nem ha descuido do Governo, porque as duas preocupações deste, na hora presente, são exactamente a secca, que devasta o nosso sertão, e o estado sanitario e economico desta Capital.

Quanto a isto, o que ha não é, já o disse, uma grande epidemia, mas uma febre de character vario e incerto, assumindo, principalmente nos estrangeiros, o typo irrecusavel da febre amarella, e nos nacionaes a forma gastro-

intestinal com a symptomatologia da remittente-biliosa dos climas quentes, da qual tambem se morre com vomito negro.

Esta molestia não tem por ora a intensidade das grandes epidemias, si bem que seja extensa e de marcha extravagante, pois se tem manifestado em pontos diversos, distantes, oppostos e esparsos por toda a cidade, sem constituir verdadeiros fôcos localizados, como aliás todas as condições climatericas e de vida do nosso meio actual deviam fazer esperar.

E' disto que sabe a nossa hygiene, e disto dão testemunho os nossos principaes clinicos. Contra isto está attenta a nossa policia sanitaria, que está agindo com os recursos de que dispõe, e agirá com os que se forem tornando precisos. Ella aconselha, previne e pune, mas não alarma.

Espero, Sr. Director do *Diario*, que recebereis estas explicações francas e terminantes como uma homenagem á opinião e como a expressão do desejo que tenho de que se convençam todos que não ha interesse em occultar desgraças, que felizmente por ora não existem.

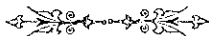
Si ellas vierem, estarão fatalmente envolvidas na sua existencia as causas humanas e as calamidades do céo, e contra estas não são impotentes somente os governos: a imprensa tambem o é.

Em qualquer emergencia, porém, abriremos lucha contra o mal; e si a imprensa nos quizer ajudar com os seus cem olhos, mas *sine odio ac studio*, estou que reconhecerá que, quando todo o mundo nesta cidade ouve, sabe e é humano, injustiça é reservar somente aos profissionaes da hygiene o labéo de surdos, cegos, ignorantes e desapiedados.

E' contra isto que eu clamo; porque, quanto ao mais,

trabalhemos e nos auxiliemos de animo sereno, pois todos nos conhecemos, e somos todos irmãos.

Publicando esta carta, Sr. Director, fareis grande mercê ao vosso amigo, etc.—*Satyro Dias.* »



Replica do « Diario da Bahia »

QUESTIONARIO AOS CLINICOS DA CAPITAL

PARECERES

« Impõe-nos o dever algumas reflexões á carta do Snr. Dr. Secretario do Interior, exarada em nosso ultimo numero, sobre o papel que tem desempenhado a imprensa na phase actual, quando a população bahiana se acha a braços com a febre amarella.

Com um sentimento louvavel S. Ex. propicia com o seu nome a repartição sanitaria; mas nesse empenho constituiu-se o patrono de recriminações que ella accumulou por muito arguida pelos jornaes desta Capital, appellando num movimento humanitario para os poderes publicos afim de ser debellado o morbo infeccioso.

Sentindo mais de perto as pulsações do coração do povo, conhecendo-lhe os sofrimentos, divisando-lhe as apprehensões, não tendo á sua frente barreiras a se opporem á grita dos pequeninos, a imprensa soltou o brado de alarma accentuando que, longe de tornar-se circumscripto, o mal augmentava de intensidade pelo apparecimento quotidiano de casos novos que lhe davam um caracter de verdadeira epidemia. Isso que era um dever, isso que é o seu verdadeiro papel, a missão da imprensa que não se perde num mar de vãos conceitos, tornou-se

aos olhos de S. Ex. o maisim da policia sanitaria, o alvo de censuras acres envolvidas nas multiplas atensões de uma carta.

Não temos que recuar proposições aventadas nem nos cabe analysar passo a passo o documento publicado. Na campanha encetada ha dez dias, apenas cedemos ao clamor geral, a informações fidedignas, a solicitações constantes de medicos a sentirem-se obrigados a sonegar doentes pela inefficacia das medidas saneatorias empregadas, pelo processo de destruição posto em pratica pelos prepostos da hygiene, pela desatensão com que eram recebidas notificações suas, pelos diagnosticos contestados, vendo no entanto a progressão impetuosa da molestia.

Tivemos unicamente em vista prestar um serviço publico.

Quiz a verdade que fosse a classe medica a que se occupasse da parte propriamente scientifica da carta do illustre Snr. Dr. Secretario e são além de outros, os mesmos clinicos apontados por S. Ex. que, respondendo a um questionario nosso, em vez de condemnarem-nos o proceder, attestam a veracidade das asserções por nós enunciadas.

E' possivel que nas reclamações em estribilho a imprensa tenha usado da hyperbole, não o fez certamente o *Diario da Bahia*, mas a hyperbole é a maior garantia do effeito; fez hyperbole o jornal que asseverou estar grassando uma *grande* epidemia. Mas, hyperbole fel-a tambem o Sr. Dr. Secretario com a apologia á repartição sob sua dependencia: fez hyperbole apontando a jugulação da variola em 90 dias, quando os boletins demographo-sanitarios attestam o contrario; fel-a asseverando terem sido empregados todós os recursos da sciencia para o aniquilamento da febre amarella; fel-a citando teste-

munho de medicos favoravel á desinfectão como a pratica na quadra presente a nossa policia sanitaria, sendo que de referencia a ella estes profissionaes quando não lhe dirigem increpações tambem não a louvam, não lhe tangem hymnos; fez hyperbole com a singular transformação da febre amarella, precisamente caracterisada, numa molestia mais singular ainda «de caracter vario e incerto, assumindo, principalmente nos estrangeiros, o typo irrecusavel da febre amarella, e nos nacionaes a forma gastro intestinal com a symptomatologia da remittente-biliosa dos climas quentes, da qual tambem se morre com vomito negro».

Mas o exagero de um orgão de publicidade, exagero talvez necessario, não annulla as accusações ao nosso serviço prophylatico; ellas surgem a cada momento; na propria carta do Sr. Dr. Secretario ellas encontram inteira justificação: é S. Ex. mesmo, é a repartição sanitaria que abrem as portas de «todas as enfermarias e institutos sanitarios para que ella (a imprensa) vá colher alli informações positivas, que a habilitem a criticar ou louvar com segurança e justiça» e mostram-se admirados de que «ninguem della jamais apparecesse» alli. E' que a imprensa que chega a ler mais do que S. Ex. crê, avisada, não podia acceitar tal convite; ella não ignora que lhe é defesa a entrada num hospital de isolamento, não desconhece que a Hygiene prescreve até, para maior segurança, as communições de um estabelecimento destes com o exterior sómente por meio deapparelhos telephonicos. Não acceitou o convite, não o poderia acceitar, porque si a policia sanitaria «aconselha, previne e pune, mas não alarma», a imprensa alarma sim, mas quando é preciso fazel-o para evitar grandes males; previne na imminencia do perigo, pune com os seus reparos quando ha tergiversações, mas não dissemina molestias infectuosas, não as propaga, não

vae buscar germens pathogenos numa enfermaria de isolamento para espalhar no meio do povo. Entretanto ella se informa dos competentes, ouve, reflecte, tem criterio para não dar guarida a queixas descabidas, e tem comprehensão exacta de seu dever para que, como nós, sacrificando interessès pessoas, sem outra aspiração mais do que o bem publico, seja o vehiculo da voz do povo flagellado pela fome e assediado pela epidemia.

E' ainda no empenho de servir ao interesse geral e auxiliar as autoridades competentes que em seguida inscrevimos as respostas que gentilmente nos deram illustres medicos desta Capital a este questionario:

« Está grassando uma molestia de caracter contagioso? E' ou deve ser considerada febre amarella? No caso negativo qual a natureza dessa molestia?

Tende a desaparecer esse morbo ou os casos se multiplicam em diferentes pontos da cidade?

A notificação que fazeis á repartição sanitaria é um reconhecimento de grande valor do saneamento, como ella pratica ou simples obediencia á lei?

Confiaes em absoluto na desinfeccção que essa repartição effectua? Tem ella empregado todos os recursos de que dispõe a sciencia?

Sabeis que ella tinha feito funcionar as estufas e máisapparehos que possue? »

Bahia, 14 de Maio de 1899. — *Illm. Sr. Dr. Domingos Rodrigues Guimarães* — Applaudindo sinceramente, como medico e cidadão, o appello que o conceituado *Diario da Bahia*, sob vossa illustrada direcção, acaba de dirigir ás autoridades competentes para que seja dominado o mal infeccioso que actual-

mente reina nesta capital, e satisfazendo ao pedido de vossa carta datada de hoje, appresso-me responder ao questionario que nella vos dignastes endereçar-me.

1.^o—Tenho conhecimento, por observação propria e por informações de collegas, de que está grassando actualmente nesta capital uma molestia de character infecto-contagioso.

2.^o e 3.^o—Esta molestia manifesta-se sob as diversas formas que alguns tratadistas de pathologia tropical classificam sob a denominação de *molestias amariss*, desde a forma benigna ou abortiva da febre amarella, a *febricula icteroides*, até a febre amarella grave com o seu completo cortejo de symptomas aterradores e fataes.

4.^o—A molestia está disseminada por diferentes pontos desta capital, desde Itapagipe até o Rio Vermelho, e creio que esta epidemia, que incontestavelmente merece este nome, não tem tomado maior incremento, porque as immunidades de que goza a população da Bahia são ainda em grande numero.

Mais abundante fora o combustivel, como nas cidades de grande immigração, e o incendio lavraria intenso.

Entretanto, nos estrangeiros ainda não acclimados, nos recém-chegados do interior e nas creanças vae ella ceifando noite e dia, com tendencia a propagar-se mesmo ao interior do Estado, onde podem levar-as as vias mais rapidas de comunicação.

5.^o, 6.^o e 7.^o—Reconheço o valor inestimavel das medidas de prophylaxia empregadas por um serviço regular de hygiene e policia sanitaria contra o desenvolvimento das epidemias.

Mas haverá quem affirme que o temos na Bahia?

A lei n. 30, de 29 de Agosto de 1892, a primeira que no regimen republicano organisou o serviço de hygiene

publica no Estado da Bahia, vigorou com real utilidade até 1897, sendo então revogada pela lei de 23 de Agosto do mesmo anno, que deu a esse serviço uma organização mais completa, mas até hoje não foi posta em execução.

Por essa lei foi creado um *serviço geral de desinfectação*, afim de executar as medidas de hygiene prophylatica e aggressiva, que são de reconhecida efficacia para circumscrever e abafar as epidemias desde o começo de sua propagação, extinguindo os germens vivos nos focos em que elles conservam sua actividade latente de anno para anno, á espera das boas condições para sua reprodução, e do pasto que lhes fornecem os infelizes susceptiveis á sua aggressão virulenta e que se acolhem incautos a esses centros de irradiação mortifera.

O serviço de desinfectação, que merecia este nome, e foi creado pela lei de 23 de Agosto de 1897, comprehendia um desinfectorio central com suas estufas fixas e moveis, irrigadores e mais apparatus appropriados, com um pessoal especial e idoneo, vehiculos proprios para o transporte das roupas e objectos infeccionados e desinfectados, e todo o material indispensavel que a technica scientifica meticulosamente exige. Sem este conjuncto de dispositivos scientificos e technicos, o processo de desinfectação é incompleto, não pôde inspirar confiança, antes prejudica, inculindo nos espiritos menos prevenidos uma segurança illusoria.

O *Conselho Geral Sanitario*, instituido pela mesma lei de 1897, para substituir o *Conselho Geral de Saude* da lei de 1892, modelado pelo antigo *Conselho de Salubridade Publica* da lei provincial de 1838, não foi ainda constituido porque depende em parte de nomeação do Governo, que não foi feita.

A este conselho competia a regulamentação da lei de

1897, especialmente dos serviços de desinfecção, isolamento, etc., e a elle, composto como era de profissionaes de comprovada competencia, incumbia interpor parecer ácerca das questões de hygiene, salubridade geral e assistencia publica, tendo egualmente a iniciativa de quaesquer propostas com o fim de melhorar estes serviços.

Actualmente estamos, pois, mais atrasados do que em 1838, em que existia na Bahia um Conselho de Salubridade Publica, que prestou excellentes serviços, examinando e resolvendo as questões relativas á hygiene.

Não temos para dirigir-nos nesta materia lei alguma em execução; a que tínhamos até 1897 era soffrivel, foi reformada para melhorar os serviços, e ficamos sem o melhor e sem o soffrivel.

Allega-se o dispendio a que obrigaria a organização de um bom serviço de hygiene e policia sanitaria, e esquecem-se as avultadas sommas que se gastam com os contractos de immigração, em pura perda, quando esta não encontra a protecção e garantia de boas leis sanitarias.

Si a imprensa, que dignamente dirigis, conseguir expurgar esta Capital do morbo infeccioso que a contamina e desacredita, prestará um alto serviço de humanidade e patriotismo, e poupar-lhe-á talvez a vergonha de que estão ameaçados alguns portos sul americanos, com o *saneamento compulsorio*, exigido pelos paizes mais adiantados, com os quaes entretemos relações commerciaes, e que se temem do perigo constante da invasão de molestias contagiosas, como a febre amarella, que se irradiam destes focos epidemicos.

Com estas breves considerações julgo ter respondido aos quesitos que me dirigistes, e subscrevo-me com a maxima estima e consideração,--Vosso amigo, *A. Pacifico Pereira*.

Afastado da clinica effectiva desde algum tempo, mal poderei satisfazer o desejo de V. S., respondendo ao questionario que se dignou dirigir-me em carta datada de hoje.

Na falta absoluta de conhecimento pessoal de casos de uma molestia de character grave, que ultimamente se tem diffundido por alguns bairros desta cidade, como é notorio, só na auctoridade e affirmação de diversos collegas que a tem observado, e cuja opinião acceito sem reservas, baseio a minha convicção de ser esta molestia a febre amarella, que sempre considerei e considero transmissivel a pessoas que não gosem de especial immuñidade.

Isto quanto ao que respeita aos quatro primeiros quesitos. Quanto aos tres ultimos respondo:

Ao 5.^o—Que em epochas anteriores sempre fiz á repartição sanitaria a notificação de casos de molestias contagiosas, não só em obediencia á lei, como na expectativa de que o saneamento seria restrictamente executado.

Ao 6.^o—Que em casos por mim notificados nestes ultimos annos a desinfecção, feita sob minhas vistas, foi regular e efficaz, não se propagando depois a molestia.

Ao 7.^o—Sei com certeza que em casos de molestias contagiosas anteriores á quadra actual, a repartição sanitaria fez funcionar, pelo menos, uma estufa e outros apparelhos que possui.

E' quanto os factos e o meu limitado conhecimento me permitem responder aos quesitos propostos, podendo V. S. fazer da minha resposta o uso que lhe convier.

Sou com a maior consideração e estima de V. S. amigo, etc.—*Dr. J. F. da Silva Lima.*

PATHOLOGIA INTERTROPICAL

SOBRE ALGUNS CASOS DE LYMPHANGITE FILARIOSA

Communicação à Academia Nacional de Medicina
do Rio de Janeiro

Pelo Dr. J. R. da Silva Lima

MEMBRO CORRESPONDENTE

(Continuação da pag. 458)

Casos de *febre lymphangitica* (Dr. P. S. de Magalhães) ou *elephantoide* (Sir. Joseph Fayrer) já teem sido descriptos, mas associados a symptomas visiveis de inflamação dos vasos ou dos ganglios lymphaticos, com varizes ou sem ellas; symptomas aos quaes ninguem deixaria da ligar os accessos de febre. Mas, dos quatro casos acima relatados, são notaveis dous pela ausencia completa d'esses symptomas locaes, apparecendo só os de reacção. N'estes e semelhantes é facil a confusão com outros estados pathologicos febris, febres miasmaticas, por exemplo, em que nenhuma localisação visivel decida do diagnostico.

O Dr. Manson descreve esta febre no seu magnifico livro—*The Filaria Sanguinis Hominis*, Londres, 1883, nos seguintes termos: « Inquirindo da historia d'estes individuos filariosos chega-se ao conhecimento de que grande numero d'elles gozam de perfeita saude; outros soffrem de frequentes accessos de febre caracterizada por estádios bem definidos de calafrio, pyrexia e diaphorése, parecida n'isto com a febre intermittente commum, differindo d'ella, todavia, pela irregularidade e extensão do intervalo, muitas vezes de semanas ou mezes entre os ataques, e tambem na maior duração dos paroxismos; alguns, alem

de alludirem no seu historico a esta febre, accusam lymphangites, e podem mostrar as glandulas inguinaes varicosas, que, segundo dizem, inflammam-se durante os ataques; outros têm escrôto lymphatico; alguns elephancia do escrôto ou da perna ou de ambos; outros escrôto lymphatico, elephancia do escrôto e das pernas ao mesmo tempo; um ou dous terão chyluria, e talvez em algum caso se encontrem duas ou mais destas molestias conjunctamente.

«Se forem examinados os 900 individuos (em 1.000) nos quaes não se encontram filarias, provavelmente não haverá um, ou, pelo menos, não haverá muitos exemplos de escrôto-lymphatico, glandulas inguinaes varicosas ou chyluria.

«E', portanto, muitissimo de presumir que estas molestias e a filaria estejam, de algum modo ligadas entre si.»

Ve-se que Manson não accentua bem o facto de alguns filariosos soffrerem de accessos de febre sem a concomitancia de affecção inflammatoria visivel do systema lymphatico, ou de outras ás quaes se têm achado associadas as filarias; e é justamente a ausencia d'essas affecções concomitantes, a que estão ligados os accessos febris, que podem transviar o juizo do medico sobre a natureza da febre, ou da sua causa. Pelo que, nos casos duvidosos de accessos febris periodicos e rebeldes á medicação especifica do impaludismo, nos paizes quentes, o exame do sangue é imperioso, como o meio mais seguro de diagnostico, e de importancia capital para o tratamento, e, mais do que tudo, para a prophylaxia.

Nota-se que o tituló d'esta communicacão-*lymphangite-filariosa* differo da primeira que fiz á sociedade Medica da Bahia—*febre lymphangitica*, que então usei

provisoriamente. E sem ter a pretensão de entrar em questões nosologicas, nem de resolvê-las, creio que nos casos relatados e semelhantes cabe melhor a que agora adoptei.

Com effeito, se a lymphangite é o processo pathologico fundamental, e se este é devido á presença, não das microfíliarias no sangue, mas das filarias adultas ou dos seus ovos immaturos ou abortados, nos vasos lymphaticos, como foi demonstrado por Manson e por outros observadores em muitos casos, sendo, portanto, a febre um symptoma apenas, aquella denominação de *lymphangite filariosa* exprime a um tempo a molestia fundamental e a sua causa.

Sabe-se que estas filarias podem permanecer por longo tempo inoffensivas, e, portanto, não suspeitadas no corpo humano, como as de outras especies no de alguns animaes; e tambem, que a sua presença pode occasionar, como tem occasionado graves accidentes, e estados pathologicos diversos, mais ou menos connexos com o systema lymphatico; mas tambem creio fóra de duvida que, n'essas molestias, como varizes lymphaticas, elephancia, hematochyluria, abscessos, etc, sejam, não raro, os proessos morbidos devidos a outras causas, que não ás filarias, mas que, como estas, possam produzir estagnação e retrocesso da lymphangite, irritação e dilatação dos vasos e glandulas, edemas circumscriptos, fistulas lymphaticas, etc. Este mesmo pensar exprimi eu na precedente communicação, dizendo « não pertencer ao numero dos que adoptam a etiologia parasitaria para todas as manifestações da elephancia, e muito menos para todas as affecções inflammatorias de alta reacção febril, superficiaes em profundas dos vasos lymphaticos. »

Em taes casos de duvidas, o criterio unico de diagnostico causal é a presença dos embryões de filarias no

sangue ou na lymphá extrahida das regiões ou dos órgãos affectados.

Compreende-se tambem, que as filarias, com quanto possam viver no corpo humano, segundo Manson, até 32 annos (*) perezam em periodos muito mais curtos, deixando no todo ou em parte, os damnos causados, que, ou persistem ou desaparecem no correr do tempo, sem que o sangue ou a lymphá, naturalmente, conttenham os embryões do parasita, e d'ahi os factos allegados contra a etiologia parasitaria de se encontrarem essas affecções residuaes, ou ainda em actividade, sem que o sangue ou a lymphá conttenham embryões de filarias.

Este assumpto, cuja importancia fôra ocioso encarecer, necessita entre nós de mais cuidado so e perseverante estudo. E, tendo já a filariose em suas diversas manifestações uma abundante litteratura sua propria, divulgada por mais de um órgão da nossa imprensa medica, e para a qual em boa parte concorreram illustres collegas nossos, alguns dos quaes occupam dignamente um lugar n'essa douta associação, eu não faço mais, n'esta breve communição, do que levar-lhes o meu pequeno e fraco subsidio para a continuação d'esses estudos, que não devem afrouxar, porque vae n'eiles, não só o interesse e o credito da litteratura e da profissão medica brasileira, como tambem a salvaguarda das populações expostas, no nosso clima, aos ataques insidiosos de um parasita contra o qual tem sido até agora impotente a therapeutica, mas

(*) Esta yongelidade phenomenal para tão diminuto parasita, é, a meu ver, passivel de plausiveis objecções, entre outras a da possibilidade de successivas reinfeções em individuos que vivem por muitos annos expostos a receber com a agua em bebida, e talvez por outras vias de penetração os embryões já preparados para a vida parasitaria no seu *habitat* definitivo.

que pode ser afastado por uma prophylaxia aturada e intelligente, baseada nos conhecimentos que já possuímos, e que ainda poderão ser augmentados.

Termino estas considerações reproduzindo aqui, por julgal-o ainda, e talvez mais, opportuno, o final da minha anterior comunicação á sociedade Medica da Bahia:

« Sem duvida os meios hygienicos e prophylacticos, como habitar em localidades pouco povoadas de murissocas, beber aguas puras, ou previamente fervidas e depois filtradas, etc. têm consideravel valor em prevenir a infecção ou reinfecção filariosa; mas pelo que, respeita á molestia plenamente desenvolvida, a não serem os recursos da cirurgia em casos especiaes de localisação, creio poder affirmar que a therapeutica está ainda no período das hesitações e das tentativas, ainda assim, pouco animadoras.

« E' principalmente para este poblema difficil que eu quizera obter de vós alguns momentos de attenção, e os conselhos da vossa experiencia, e para as considerações que me suggeriram os factos que constituem o assumpto d'esta comunicação o beneficio da vossa critica judiciosa, e o fecuudo auxilio dos vossos conhecimentos n'esta materia de grande e particular interesse para a pathologia inter-tropical, e para a nossa litteratura medica.»

Dos casos referidos n'esta comunicação, dos commentarios e considerações que elles me suggeriram e dos factos já conhecidos com relação á *Filaria Bancrofti* (Cobbold) ou *Nocturna* (Manson), julgo poder deduzir as seguintes.

CONCLUSÕES

1ª.—As lymphangites e adenites superficiaes ou profundas, e outras affecções do systema lymphatico, têm frequentemente por factor etiologico, nos paizes quentes, a *Filaria Bancrofti*; ellas podem, entretanto, algumas vezes, ser devidas a outras causas, traumaticas, mecanicas ou infectuosas, capazes de produzir no systema lymphatico lesões primarias semelhantes ás que produz aquelle parasita.

2ª.—As lymphangites e a denites periodicas, sem symptomas locaes visiveis, acompanhadas de accessos febris, podem ser, e têm sido confundidas com febres palustres de typo irregular ou anomalo.

3ª.—E' intuitivo que a natureza parasitaria da molestia, n'este caso, só pode ser, e é facilmente demonstrada pelo exame microscopico do sangue ou da lymphá, verificando-se a existencia dos embryões de filarias n'estes liquidos.

4ª.—As filarias podem permanecer inoffensivas por tempo indeterminado no corpo humano; assim como podem persistir depois da morte d'ellas alguns dainnos a que deu logar a sua presença, taes como a chyluria a elephancia, galáctocéle, varizes, estases e fistulas lymphaticas, ascite leitosa, edemas, regionaes, evanescentes etc.

5ª.—Este ultimo facto dá a razão porque não se encontram sempre no sangue ou na lymphá os embryões associados a essas molestias chronicas ou residuaes.

6ª.—A continuação das pesquisas de Paterson e Hall sobre a frequencia relativa das filárias na população do Brazil, e o exame do sangue ou da lymphá em casos de algumas molestias tropicaes de etiologia até agora obscura ou incerta, poderão levar-nos a resultados inesperados

que constituirão um grande progresso na nossa pathologia.

7^a.— Podendo molestias semelhantes ás produzidas pelas filarias densenvolver-se por effeito de outras causas, parece de razão que ás de origem parasitaria se dê um qualificativo que a exprima, como *lymphangite filariosa*, *elephancia*, *hemato-chyluria filariosa*, etc.

8^a.—Nós casos não susceptiveis de intervenção cirurgica não dispomos, por emquanto, de meio algum efficaz de desalojar ou destruir o parasita; a prophylaxia, porem, pode diminuir consideraveltoente, se não abolir, a frequencia da infecção filariosa, se medidas preventivas adequadas forem divulgadas extensamente pela população.

9^a.—E sendo a murissoca o principal, senão o unico agente intermediario transmissor da filária por meio da agua, á profissão compete insinuar no espirito publico a desconfiança contra este insecto familiar, que ás qualidades conhecidas de importuno reune outra peor, a de perigoso.

10^a.—A presença de um filarioso na familia ou em qualquer collectividade, constitue um perigo para as pessoas que com elle convivem e para os proximos vizinhos; e conhecido o facto, é de rigor que as precauções para garantia dos sãos não se façam esperar.

11.^a—Na impossibilidade de exterminar em qualquer localidade ou habitação as murissocas, filtrar a agua de beber, ou fervê-la, ou vedar por qualquer forma o accesso d'estes insectos aos depositos ou vasilhas que a contém, são as precauções mais efficazes que se podem oppor á infecção filariosa.

Bahia 31 de Maio de 1898.

APPENDICE

Depois de concluido este pequeno trabalho, o meu distincto collega e amigo, Sr. professor Alfredo Britto obsequiou-me com as seguintes observações addicionaes.

«Passo a resumir a historia clinica do meu doente, em quem verifiquei, ha poucos dias, a presença de filarias em grande quantidade no sangue, me parecendo mais um caso bem caracterizado no genero d'aquelles para os quaes o meu illustre mestre fez volver, a attenção dos clinicos, depois da sua importante communicação á Sociedade Medica sobre a febre filariosa.

«Consultando-me elle por accidentes neurasthenicos acompanhando uma lymphangite bem accentuada, que rapidamente cedeu á medicação adequada, fiz questão de examinar-lhe o sangue, por constituir a sua anamnése um quadro bastante nitido de manifestações diversas de filariose.

— «Um individuo forte, bem constituido, temperamento lymphatico nervoso, de 32 annos de idade, casado ha cinco annos, durante os quaes teve tres filhos; é escripturario de uma repartição publica, e reside á Calçada do Bomfim; gozou perfeita saude até aos 22 annos, quando, em 6 de Junho de 1887, foi accomettido de erysipela na perna esquerda, após uma ligeira arranhadura.

«Em 30 de Maio de 1889, sem nenhuma causa apparente, soffreu novo ataque de erysipela, sentindo por esta occasião forte dor que se irradiava do quadril pela virilha esquerda até ao escrôto. De Maio a Outubro d'esse anno, tres novos *ameaços*, isto é, accessos sem localisação visivel.

Em Março de 1893 principiou a soffrer de hematuria, que se prolongou até meados de Maio do mesmo anno, voltando por oito dias em Abril de 1894.

«Em Maio de 1895, novo ataque de erysipela igual ao de Maio de 1889. Outro em Janeiro de 1896, acompanhado de um tumor inguinal e engurgitamento dos ganglios, não só da virilha esquerda como também do braço e do pescoço, com hematuria ligeira durante mais de um mez.

«N'esse mesmo anno de 1896, de Setembro a Dezembro soffreu accessos de febre intermittente rebeldes á quinina e á remoção, acompanhados quasi sempre de dôres pelvianas propagando-se para a região inguino-escrotal, e seguidos de forte prostração por muitos dias. A mesma coisa se repetiu um anno depois, de Dezembro de 1897 a Janeiro do corrente anno, cessando então para dar lugar á volta da hematuria em 18 de Abril.

«Desappareceu esta ultima em 3 de Junho, deixando-lhe dores vagas no quadril e nothorax, forte dor epigastrica duas horas depois de cada refeição, acompanhada de azia e mal estar, que se vão incrementando até á producção de um vomito abundante, que deixa os dentes embotados, e profundo abatimento moral determinado pelos repetidos accomettimentos d'essas tres molestias (erysipela, hematuria e sezões) que, se succedem e revezam ha tão longo tempo, sem que elle tenha até hoje encontrado explicação plausivel, não obstante o grande numero de consultas que tem feito.

«Immediatamente convencido de que se tratava de uma só molestia,—a filariose, manifestando-se por tres modalidades clinicas diferentes, propuz-lhe o exame do sangue para confirmação d'este juizo, o que foi feito no dia seguinte pela manhã por um dos meus assistentes, Dr. Vieira Lima, deparando logo na primeira lamina com seis bellos exemplares do nematoide de Wucherer.

«Não devo omittir que o doente insiste em attribuir

a sua hematuria e erysipela a ter vivido em contacto, de 1891 a 1895, com um almoxarife do Arsenal de Guerra com quem serviu como escripturario, e que de longa data soffria estas affecções. Importa, porem, observar que, se é verdade só em Março de 1893 lhe haver apparecido pela primeira vez a hematuria, ha quasi seis annos antes, desde Junho de 1887, soffria elle já de erysipela.

«Muito animado agora com o que elle chama a *verdadeira descoberta* do seu mal (o que, infelizmente, bem pouco lhe adiantará, attenta a insufficiencia actual dos recursos da arte contra a *Filaria Bancrofti* e seus descendentes) acha-se o doente presentemente no sertão, mudando de ares, vigoroso de espirito, e apparentemente são de corpo.»

«—Em additamento a este caso devo referir tambem outro, que ha dias observei, de um moço de Sergipe, igualmente hyperchlorhydrico e portador de filarias, cujo sangue fui levado a examinar pela circumstancia de elle ter sido accommettido; ha tempos, de erysipela e, ultimamente, de accessos como de sezões, durante os quaes sente fortes dores no ventre, nas virilhas, no escrôto e nos rins, intumescendo-se por esta occasião os ganglios inguinaes, que se tornam dolorosos. Permanece-lhe nos intervallos uma polyadenite inguinal dupla, de character indolente e torpido, que pude verificar.

O exame do sangue de madrugada foi tão positivo quanto o do caso antecedente.

«Pela grande semelhança, quando não identidade absoluta (hypothese a que me inclino sem hesitação) com

os casos de febre filariosa, julgo dever tambem mencionar immediatamente os dous seguintes, comquanto em nenhum d'elles tivesse eu conseguido encontrar no sangue os embryões da filaria, o que aliás não é de modo algum razão sufficiente para infirmar aquelle diagnostico.

«— O primeiro é de um moço que tinha em cada região inguino-crural, na base do triangulo de Scarpa, um bubonoccele, que passou por muito tempo como hernia intestinal, obrigando-o a usar de funda sem nenhum proveito, pois que a sua reductibilidade não era completa, e que tinha de tempos a tempos accessos febris a 41.^o e 42.^o, precedidos de horriplações e calafrios de extraordinaria intensidade, com vomitos, delirio, rachialgia e nevralgias abdomino-cruraes, que o faziam gritar desesperadamente. Durava um a tres dias o accesso, augmentando immensamente de volume durante ella os tumores da raiz das côxas, que se tornavam extremamente sensiveis á pressão.

«A primeira vez, que presenciei um accesso d'estes, acreditei em uma febre palustre perniciosa e dei quinina a valer.

«Das outras vezes, já se me havendo mostrado os tumores francamente lymphangiectasicos, e convencido de que se tratava de lymphangites profundas da bacia, limitei-me a um tratamento palliativo e symptomatico, sendo a mesma a evolução e terminação dos accessos, que se repetiam com intervallos de um a tres mezes.

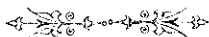
— O segundo caso, tambem de um moço cujos accessos eram em tudo eguaes aos do primeiro, divergindo apenas os dous na ausencia de tumores inguinaes ou adeno-lymphocèles n'este ultimo. Era tal a violencia das dores, de feição muitissimo semelhantes ás da lithiase renal em seus mais intensos paroxysmos, que o doente não largava nunca a seringa de Pravaz com a solução de

morphina para injectar-se onde quer que o accomettesse o accesso, afim de poder ganhar o domicilio.

Nenhuma outra medicação lhe proporcionava o menor allivio.

«N'este, como em todos os outros doentes que tenho visto com egual pyrexia, era notavel a prostração que se seguia a cada accesso, o que aliás não é difficil de comprehender, attenta a sua violencia symptomatica.

«O primeiro d'estes dous doentes, empregado publico, falleceu victima de uma polynevrite alcoolica; o segundo, estudante de medicina, tendo soffrido em todo o curso, melhorou consideravelmente depois de formado, tendo ido clinicar em Santa Catharina, e acha-se presentemente em S. Paulo gravemente affectado de tuberculose pulmonar e laryngéa.»



BIBLIOGRAPHIA

O mimetismo do cholera

(Noticia critica)

Pelo Dr. Guillerme Rebello

Em um de nossos ultimos numeros noticiamos o offerecimento que dessa «Memoria sobre as manifestações choleriformes no Brazil, como contribuição ao estudo da epidemia do valle do Parahyba em 1894 - 95», se dignou fazer nos seu illustrado auctor, o Sr. Dr. Alfredo Nascimento. Justo é porem que a esse trabalho de 496 paginas, lido perante a Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro em sessões especiaes de Maio e Junho do anno findo, nos

refiramos de modo mais detido, tanto quanto o requerem a importância do assumpto e o valor intrinseco do livro.

Após algumas paginas introductorias em que explica o A. a razão de ser de seu trabalho, seus intuitos e objectivos que visa attingir, lembra sua attitude ao discutir-se o diagnostico da epidemia em questão e abre caminho franco e resolutivo á justificativa da impugnação que lhe mereceu e merece ainda o diagnostico de cholera-morbus posto a essa epidemia. Mas não o faz sem um aviso preliminar que, dando mais latitude á questão, tornando-a mais comprehensiva, lançando, numa palavra, o conceito interessantissimo do mimetismo pathologico em geral, fará não decrescer o interesse do livro para os que, contrariamente ao A., capitularam de cholera indiano os casos epidemicos de que se occupa o livro.

E' esta a sua nota premonitória:

« . . . apreciados os *factos* da epidemia do Parahyba, si a despeito de tudo o leitor não compartilhar do conceito, que firmarei, de que não lhe convem o diagnostico de cholera-morbus asiatico, tal é a natureza deste trabalho que isso em nada o prejudicará no seu todo, porquanto então basta não comprehender este caso particular na concepção geral em que tantos outros vêm incidir e que perdurará sustentavel, a despeito de se provar que possa ou não ser abrangido por ella este ou aquelle caso especial.» (Pags. 19 e 20).

Seguidamente, em judiciosa resenha dos principios basicos do diagnostico e applicando os preceitos da diagnose individual á das *collectividades*, faz ver que, assim como de referencia a um individuo podem as molestias modificár-se notavelmente em sua physionomia clinica, de conformidade com o temperamento, a diathese, a tara hereditaria, as molestias anteriores, assim tambem perante

uma epidemia as condições individuais e cósmicas, os elementos ethnicos e os morbos habituaes na localidade, o conjuncto das condições mesologicas conhecidas sob o nome de constituição medica, tudo isto é do mais alto valor na formação do diagnostico, porquanto, «si num doente uma molestia pode ser deformada de modo a deixar em embarços o clinico que não saiba deduzi-la dos elementos propedeuticos que com a observação vá colher, assim tambem uma epidemia pode revestir um caracter novo, por motivos nem sempre apreciaveis, e só difficilmente é reconhecida e firmada, após haver levantado duvidas e hesitações.» (Pag. 26.)

Fazendo entretanto, até certo ponto, justiça a seus antagonistas, que affirmaram cholera asiatico o morbo em questão, o A. reconhece que tal diagnostico se impunha effectivamente a quem circumscrevesse o estudo dos casos á inspecção do momento, mas não áquelle que, sahindo do campo limitado e concreto da observação immediata, buscasse a interpretação dos factos com espirito mais philosophico.

Enveredando por essa via interessante, registra o apparecimento frequente das manifestações endemicas e epidemicas do syndroma choleric no valle do Parahyba, simulando o cholera muito antes de haver este lá chegado, e do estudo da relação entre essas manifestações endemicas e a epidemia do Parahyba conclue pela existencia de um typo nosologico intertropical, clinicamente similar do cholera-morbus indiano e como tal realisando com elle um caso perfeito de mimetismo pathologico, isto é — de imitação clinica do morbo do Ganges por outra especie nosologica, á semelhança do que passa em biologia com certas especies, que, na forma exterior, na coloração,

assumem ás vezes tal similitude com outras que com estas se podem confundir.

Do estudo detido do syndroma cholericó em si, do mechanismo physio-pathologico de sua producção, deduz o A. a possibilidade theorica de seu mimetismo, ligado a causas diversas, dando azo a formas clinicas intermediarias aos typos nosologicos,—facto irrecusavel, mas inteiramente desprezado, affirma o A., na diagnose da epidemia no valle do Parahyba.

Deparam-se neste capitulo excellentes paginas, de muito proveitosa leitura, sobre a successão de formas que pode revestir um syndroma, isto é, um conjuncto de symptomas ligados directamente ao mesmo processo morbido e dependentes do mesmo mechanismo pathogenico,—successão de formas estudada de modo magistral por Peter sob o nome de *series morbidas progressivas* e habilmente aproveitada pelo Sr. Dr. A. Nascimento como um esteio mais a firmar o seu conceito sobre o mimetismo pathologico e em particular o mimetismo do cholera.

Sentindo porem indispensavel o depoimento da anatomia pathologica no interessante litigio, começa o A. por negar a especificidade das lesões do cholera-morbus, notando que o que de facto ha são «lesões especificas de maior ou menor irritação intestinal, o que se traduz por maior ou menor gravidade do syndroma em questào; e, como o cholera se traduz pela diarrhéa grave, as lesões correspondentes a essa diarrhéa serão as lesões do cholera. Mas, si outro ou outros elementos irritativos determinarem o mesmo grão de irritação e portanto o mesmo syndroma reaccional, bastaria a logica, si não houvesse os factos, para demonstrar que tambem as lesões serão as mesmas.» (Pag. 61). Dahi conclue que outros agentes pathogenicos que não o komma-bacillo podem occasionar o syndroma cholericó.

Poderia o A. nesse passo haver repetido com muita oportunidade, applicando-os ao caso vertente, os conceitos de P. Le Noir, quando, affirmando em traços vigorosos, num importante estudo sobre a influencia pathogenica dos agentes phisicos, a existencia do «genio epidemico», chama a attenção dos clinicos para o facto de haver o microbio «perdido em muitos casos a vantagem da especificidade». «Si algumas molestias», prosegue o eminente pathologista, «continuam ainda indubitavelmente sob a dependencia de um germen sempre o mesmo, dous factos de capital importancia foram sem tardança estabelecidos na questão que nos occupa: um é que se tem visto o mesmo microbio provocar estados pathologicos os mais variados; outro é que affecções clinicamente semelhantes (as anginas por exemplo) têm-se reconhecido tributarias dós microorganismos mais differentes».

No empenho de explicar o mimetismo do cholera pela interpretação pathogenica das manifestações clinicas do syndroma choleric, allude o A. ás theorias nervosa, cardiaca, intestinal e toxica, entre as quaes se disputa a primazia na explicação do morbo de que se trata, e é de notar a argucia feliz com que demonstra poder a noção do mimetismo choleric, pela qual se bate, coadunar-se com qualquer dessas theorias que se seja levado a admittir.

Acceite-se, com effeito, a perturbação funccional do grande sympathico, qual o entende Marey, como o ponto de partida dos phenomenos cholericos, esteja este, segundo pensa Eulenburg, num phenomeno inhibitorio do aparelho cardiaco, por irritação nervosa de origem intestinal, crimine-se a deshydratação do sangue pela abundante expolição de liquidos devida á irritação do

intestino, ou, por fim, appelle-se para as intoxicações multiplas de Bouchard, ou para todos esses factores reunidos, poder-se-á sempre explicar o apparecimento do syndroma choleric independentemente da infecção pelo bacillo-virgula, desde que uma causa pathogenica qualquer incida sobre o sympathico, turbando-lhe a funcção, ou sobre o tubo digestivo e os nervos mesentericos, originando a inhibição cardiaca ou a deshydratação do meio interno, ou desde que haja no intestino toxinas de microbios diversos do cholorigeno, alguns dos quaes, como o bacillo de Escherich, o germen do cholera nostras e varios outros, fabricam nas infecções intestinaes venenos productores da algidez.

Passa depois o A. em revista as diversas entidades morbidas que podem mimetisar (permittam-nos o neologismo) o syndroma choleric, taes como as differentes formas da infecção malarica, nomeadamente a pernicioso cholericiforme, a dysenteria, as diarrhéas estivaes, as intoxicações e as auto-intoxicações. E' o faz não só com observações proprias, sirão com o largo subsidio valioso das observações de autoridades da mais reconhecida prestança, quaes, entre outras, Torres Homem, Martins Costa, Clemente Ferreira, Moncorvo, Adolpho Lutz, Azevedo Sodré, Roux, Corre, Kelsch-Kiener, Jacoud, Saint-Vel, Widal, Boinet, Léon Colin, Laveran, De-Simoni, Dutroulau, Bertrand e Fontan, Bérenger-Féraud, Gasser, Courtois-Suffit, Gilbert e Girode, Grancher, Comby e Marfan.

E' depois de apoiar em tão ampla base a sua doutrina do mimetismo do cholera que o Sr. Dr. Nascimento tira partido dos estudos modernos de bacteriologia relativos ao bacillo *coli-communis*, hospede habitual e de ordinario inoffensivo de nossos intestinos, mas que,

em condições dadas, influenciado muita vez pelo impaludismo, pode adquirir virulencia accidental, sendo a coli-bacillose ou infecção coli-bacillar o elemento productor de innumerous typos clinicos imitativos do cholera asiatico. Isso leva natural e logicamente a ás seguintes conclusões, que condensam o seu pensamento no caso em litigio:

«... temos em nós mesmos elementos capazes de adquirirem virulencia sob a acção de causas varias, determinando como manifestação clinica de seu poder pathogenico precisamente o conjuncto symptomatologico do syndroma choleric. E' que de facto esse quadro não corresponde, como typo pathognomonic, a uma unica entidade morbida, e na sua accepção geral, adstricta á realidade clinica, o nome de cholera morbus, como o de typho, si convem particularmente a uma unidade pathologica filiada a elemento pathogenico especifico, abrange egualmente, como quadro symptomatico, outras entidades nosologicas, confundindo se por mimetismo com essa forma especifica, de que se faz mister differencial-as. E, si o typho e o cholera morbus são typos pathologicos, por sua vez o estado typhico e o estado choleric são formas clinicas capazes de serem realisadas por varias outras molestias». (Pags. 93 e 94).

«E' provadamente o impaludismo um dos factores capazes de emprestar ao bacillo *coli-communis* a virulencia que o torna choleric. Ao lado do typo clinicamente hybridado da typho-malaria, em que o plasmodio de Laveran se desenvolve no sangue, enquanto o bacillo de Eberth evolve-se no intestino, a sciencia constitue hoje o typo coli-palustre, em que, do mesmo modo, a infecção malarica coexiste com a infecção coli-bacillar, manifestando-se clinicamente pela superposição do syndroma desta ao conjuncto symptomatico da primeira.» (Pag. 495).

Como elemento confirmativo de sua opinião traz o A. o subsidio historico, a chronica arrazoada do syndroma choleroico no Brasil antes de 1855, data da invasão do cholera asiatico em nosso paiz, e nessa pesquisa historica occupa numerosas paginas, autorizadas em chronistas eminentes, como, entre outros, o Dr. Pereira Rego, Barão do Lavradio, autor da apreciada *Memoria historica das epidemias de febre amarella e cholera-morbus que têm reinado no Brasil*. E' nessa parte do trabalho que vêm á balha a *samparina*, a *febre vivorum*, a epidemia do Macacú em 1830, conhecida por *carneirada* ao iniciar suas devastações em Macahé, Maricá e S. João da Barra, a extravagante epidemia appellidada *polka*, que assolou o Rio de Janeiro de 1846 a 1848, etc. etc.

Essa perquisição historica autorisa o A. a concluir com bastante plausibilidade que «muito antes de termos sido visitados pela infecção do Ganges, já era commum e constante, dominando a nossa pathologia nacional, a manifestação, em grãos diversos, de um syndroma semelhante em seus traços geraes ao que faz desenvolver-se aquella infecção da India. Egualmente se evidencia que esse syndroma muitas vezes se exacerba, simulando totalmente o quadro do cholera-morbus verdadeiro, quer esporadica, quer epidemicamente, levantando discussões innumeradas entre os profissionaes, que positivamente se têm achado ante um typo morbido não definido». (Pag. 152).

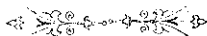
Vem depois a narração minuciosa de multiplos casos do syndroma choleroico de 1855 para cá, não só no Rio de Janeiro como em varios outros pontos do territorio nacional, provocando sempre duvidas e discussões mais ou menos acaloradas acerca de sua verdadeira natureza

e justificativas da convicção do Sr. Dr. A. Nascimento quanto á improcedencia do diagnostico de cholera-morbus indiano para a epidemia do valle do Parahyba em 1894-95, convicção roborada ainda nem só pela analyse miuda dos muitos documentos que poude compulsar attentamente com referencia á supradita epidemia, sinão ainda pelo respectivo estudo clinico e anatomo-pathologico e pelos resultados, inteiramente negativos no parecer do A., e por motivos que exara, das pesquisas bacteriologicas apresentadas para prova do diagnostico, por elle recusado, de cholera-morbus.

De tão longo arrazoado chega finalmente o A. a estabelecer que no valle do Parahyba não houve em 1894-95 uma epidemia de cholera-morbus, mas uma coli-bacillose, que realisou o syndroma choleric, havendo a infecção palustre exaltado a virulencia do coli-bacillo, tornando-o cholerigeno.

Esta a synthese final do trabalho que vimos de perlustar com a merecida attenção; synthese que se poderá dizer uma hypothese, é certo, mas que decorre naturalmente atravez de muitissimas paginas, fartamente documentadas e prendendo o interesse do leitor pela copiosa erudição, pelo criterio scientifico, por um vigor notavel de logica e de dialectica, e onde se revela o A. capaz de ter uma idéa e por ella se bater com denodo.

Em summa: o trabalho do Sr. Dr. A. Nascimento, seja qual for o grão de plausibilidade que se possa reconhecer no conceito que propugna, é um bom livro, de valor incontestavel e para o qual devê todo pathologista e todo clinico ter um logar em sua estante.



RELATORIO

DA

Enfermaria de beribericos da Marinha, em Copacabana, em 1898

**Apresentado ao Sr. Contra-Almirante Chefe do Estado
Maior General da Armada, em 25 de Janeiro de 1898**

PELO RESPECTIVO DIRECTOR

(Conclusão da pag. 424 do numero de Março)

VIII

Melhoramentos

Faço acompanhar este succinto reatorio um mappa das observações metereologicas a que nos foi possível proceder, visto a deficiencia de meios de observação; por esse mappa vereis que o maior numero de fallecimentos coincidiu com a mais alta temperatura nos primeiros mezes do anno, acompanhada de abundantes chuvas e descargas electricas.

A influencia que exercem sobre os atacados desta molestia as variações atmosfericas, as chuvas, as trovoadas e outros phenomenos meteorologicos, é notavel; ha pois necessidade de procedermos aqui a estudos desenvolvidos de meteorologia, visto como, de todos os dados colhidos desta e de outras observações, muito proveito deve resultar para o estudo de tal enfermidade, da localidade mais appropriada para a installação do hospital.

IX

Antes de concluirmos e em additamento ao que dissemos sobre os meios therapeuticos empregados, cuidados hygienicos e outros, devo declarar que, impressionado pela leitura de uma publicação feita na imprensa d'esta cidade pelo Exm. Snr. Barão de Capanema (distincto e illustrado engenheiro dado a estudos de botanica), sobre

as vantagens colhidas pela applicação de um preparado de sua lavra para o tratamento do beriberi, e só em uso externo, tal a força diuretica das plantas que compõem o dito preparado, e isto authenticado por uma estatistica de alguns poucos casos, em que o resultado foi dos mais notaveis, e ainda garantido por alguns medicos que, o tendo empregado, attestavam o seu valor therapeutico e portanto curativo, chegando alguns a adiantarem que tal medicação podia ser empregada com exito seguro até nos diversos derramamentos, produzindo em alguns cardiacos melhora notavel; resolvi fazer aquisição de alguns vidros do preparado a que me refiro e denominado—Linimento anti-beriberico do Doutor Capanema—e combinei com os collegas encarregados das enfermarias, fazermos as applicações nos casos indicados.

Alem dos vidros que mandei comprar, desejando tambem dar conhecimento áquelle illustrado engenheiro, do interesse que me havia despertado a leitura da sua publicação e da vantagem scientifica que poderia resultar para o seu descobrimento, attento o movimento de doentes que tem tido esta enfermaria, de modo a podermos affirmar que, hoje, no Brazil, não pode haver melhor fonte de informações para o estudo de tal entidade morbida, incompleto ainda e cheio de lacunas, escrevi ao mesmo engenheiro communicando-lhe esta nossa intenção e pedindo-lhe para pôr á nossa disposição alguns vidros do dito medicamento, compromettendo-me a communicar-lhe com toda isenção scientifica qual o resultado obtido.

Aquelle engenheiro correspondeu gentilmente á nossa solicitação e mandou-nos effectivamente alguns vidros do seu preparado em Maio, pelo que procedemos ás applicações que, infelizmente, fomos forçados a suspender por ter se exgotado a nossa provisào e não ter a Directoria de então

do Hospital de Marinha, nos fornecido a quantidade pedida, e não podermos comprar no mercado, por ter subido o preço de cada vidro e a nossa verba para medicamentos urgentes, de applicação extraordinaria, e despesas miudas de pharmacia, ser muito parca, o que tudo levei ao vosso conhecimento, fazendo-vos vêr o meu constrangimento diante deste facto, que, alem de collocar me em situação delicada para com o illustre descobridor do medicamento, me impossibilitava de proseguir com os collegas nas nossas observações.

Em todo caso dar-vos-hei conta do resultado obtido, e por elle vereis que não podemos emittir uma opinião segura e scientifica, e que, a não proseguirmos nas nossas observações, nada podemos adiantar quanto á therapeutica.

Cumpre-me tambem informar-vos que os enfermeiros, pouco praticos e alguns pouco habéis, tambem só com practica assidua e sob as vistas dos medicos encarregados das enfermarias, poderão desempenhar regularmente essa parte um tanto delicada do serviço hospitalar.

Tendo porem adquirido ultimamente o dito medicamento em quantidade regular para continuarmos as nossas experiencias, procurarei fazel as no maior numero possivel e com todo o rigor scientifico, para poder emittir um juizo seguro sobre a utilidade e vantagens a obter. E, si o resultado corresponder ao que foi publicado e observado pelo illustre descobridor e pelos medicos que já deram conta das suas observações, eu por minha vez publicarei, para conhecimento do governo, do corpo medico e do povo, tão directamente interessado nas pesquisas dos meios necessario para debellar tal enfermidade.

E é tudo quanto me cumpre trazer ao vosso conhecimento.

Enfermaria de Copacabana, 5 de Janeiro de 1898.

(Assignado) Dr. EUCLIDES ROCHA,

Director.

NOTICIARIO

O orçamento estadual de 1900 e a Hygiene Publica

A campanha movida pela imprensa em prol da organização dos serviços de hygiene publica neste Estado parece felizmente ter produzido algum resultado.

O projecto do orçamento apresentado pela commissão respectiva para o exercicio de 1900 consigna as seguintes verbas:

| | |
|---|-------------|
| § 21 Inspectoria de hygiene. . . | 69:121\$500 |
| § 22 Instituto Vaccinogenico . . | 47:555\$000 |
| § 23 Instituto Bacteriologico . . | 36:955\$000 |
| § 24 Laboratorio de analyses clinicas. | 36:155\$000 |
| § 25 Desinfectorio | 38:455\$000 |
| § 26 Hospital de isolamento . . | 35:832\$000 |

E' um total de 264:073\$500 que se despenderá annualmente com a hygiene publica do Estado, o que de certo não é muito em um orçamento cuja despeza é calculada em 13.881:465\$925 e a receita em reis 14:390:440\$418.

E' menos de uma quinquagesima parte da somma das contribuições, o que se destina a servir e proteger a saude dos contribuintes.

Já é tempo de o fazer, e esperamos que desta vez não será suspensa a execução desta parte do orçamento estadual.

Mensagem presidencial

A recente mensagem do Presidente da Republica ao Congresso Nacional reclama da autorisação legislativa medidas concernentes á assistencia de alienados, e a saúde publica, como se vê nos seguintes topicos:

Assistencia a alienados

«E' tambem de palpitante necessidade uma lei que uniformise o serviço de hospitalisação dos alienados e prescreva clausulas assecutorias da situação legal destes enfermos, de sorte que nos estabelecimentos particulares sejam observadas as mesmas condições, não só quanto á internação nos asylos officiaes com a intervenção do Poder Judiciario, como tambem quanto á inspecção por parte da autoridade publica».

Saúde publica

«Na ordem das medidas concernentes á Saúde Publica, destaca-se uma que mais reclama o vosso zelo, não só pelo seu character de urgencia, como principalmente, porque relaciona-se intimamente com os grandes interesses do commercio internacional.

Em 1895 o governo deliberou ordenar com urgencia a creação de lazaretos em Pernambuco e no Pará, notificando officialmente a sua resolução aos representantes das nações amigas aqui acreditadas. O governo assim procedeu em vista da reconhecida conveniencia de libertar os navios com destino aos portos do extremo norte da vexatoria obrigação de virem nas épocas de crise epidemica purgar quarentena no Lazareto da Ilha Grande, com enorme prejuizo de tempo e despesas. Além das perdas que dahi resultam para o commercio nacional, pois que é á conta delle que se lançam todos estes pesados encargos, ha a considerar-se o prejuizo geral para o Paiz proveniente da consequente redução das communicações com os nossos portos. O adiamento forçado da conclusão do Lazareto de Tamandaré creou serios embaraços que devem agora ser removidos.

E' deimprescindivel urgencia que habiliteis o governo

a desempenhar-se com promptidão de uma promessa solenne.»

Congresso contra a tuberculose

Sob o proctetorado de Sua Magestade a Imperatriz da Allemanha, a *Commissão Central Allemã*, incumbida da fundação de Sanatorios para tuberculosos, resolveu convocar, em 24 a 27 de Maio de 1899, um Congresso tendo por fim combater a tuberculose como epidemia, sendo presidente honorario o chanceller Principe Hohenne-lohe e o 2º presidente o professor Dr. Leyden; as reuniões terão logar na casa do parlamento allemão (Reichstagsgebäude).

A commissão organisadora é constituída pelas maiores summidades da administração e da medicina germanica. A discussão versará sobre as bases scientificas das noções actuaes em relação á molestia e á sua progagação, sobre os meios e recursos de que dispõe a sciencia presentemente na prophylaxia e no tratamento, e sobre a importancia de sanatorios especiaes.

Esta ultima parte merecerá a mais detida attenção.

Os trabalhos preparatorios serão dirigidos pelos seguintes medicos: sobre a propagação da tuberculose, pelos Drs. Köhler e Krieger; sobre a etiologia, pelos Drs. Cerhardt e Sechjerning; sobre a therapeutica, pelos professores Zimssen e Schroetter; sobre os sanatorios, pelos Srs. Gaebel e Dettweiler.

Todos os que se interessarem por este assumpto tão importante, poderão ser membros do Congresso, contribuindo cada pessoa com 20 marcos.

As municipalidades, faculdades e sociedades medicas, as companhias de seguros e outras instituições poderão

tomar parte nesta grande reunião, sob a condição de 20 marcos por pessoa: serão recebidos pela comissão central trabalhos especiaes sobre o assumpto, até o dia 15 de Maio, praso ultimo; devendo toda a correspondencia ser enviada ao secretario geral do Congresso contra a tuberculose, Berlin—Wilhelm—Platz, 2.

Tomará parte neste Congresso representando a Faculdade de Medicina da Bahia o Dr. Joaquim Matheus dos Santos, professor de hygiene desta Faculdade.

Faculdade de Medicina da Bahia

Foi exonerado, a pedido, do cargo de preparador da cadeira de chimica organica e biologica da Faculdade de Medecina da Bahia o Dr. Joaquim Britto Pereira.

O Ministerio do Interior declarou ao director da Faculdade de Medicina deste Estado, em resposta ao officio de 14 deste mez,transmittindo,em nome da congregação,o offerecimento do lente Dr. Joaquim Matheus dos Santos,sem prejuizo de tempo de exercicio e dos seus vencimentos, representaro Brasil no Congresso sobre o tratamento da tuberculose que realizar-se-á em Berlim, de 24 a 27 de Maio proximo, que o governo acceta esse offerecimento, nas condições propostas, sem nenhum onus para os cofres publicos, alem do abono dos vencimentos integraes do lente commissionado.

Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

Foi nomeado secretario da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro o Dr. Eugenio do Espirito Santo de Menezes, sub-secretario da mesma Faculdade.

—Foi nomeado para exercer as funções do cargo de sub-secretario o Dr. Adolpho Frederico de Luna Freire.

Corpo de Saude do Exercito e Armada

Foram nomeados para a Direcção Geral de Saúde: Chefe, da 1.^a secção, o general de brigada graduado, Dr. Antonio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque, medico de 1.^a classe do exercito; chefe da 2.^a secção, o coronel Dr. José Portirio de Mello Mattos, medico de 1.^a classe do exercito; chefe da 3.^a secção, o tenente coronel Cicinio Pacheco, pharmaceutico de 1.^a classe do exercito: chefe do gabinete, o major dr. Leovegildo Honorio de Carvalho, medico de 3.^a classe do exercito; assistente do director, o capitão Dr. Joaquim Mariano Bayma do Lago, medico de 4.^a classe do exercito.

—Foram nomeados delegados junto aos commandos dos districtos militares: do 1.^o o tenente coronel, medico de 2.^a classe, Dr. José Lopo da Silva Junior; do 2.^o o coronel graduado, medico de 1.^a classe, Dr. José Ignacio de Medeiros; do 3.^o o tenente coronel medico de 2.^a classe Dr. Ildefonso Theodoro de Azevedo Martins; do 5.^o, o tenente coronel Dr. Francisco Paula Meirelles; do 6.^o, o tenente coronel medico de 2.^a classe, Dr. Antonio José de Souza Gouveia; do 7.^o, o tenente coronel, medico de 2.^a classe, Dr. Raymundo de Castro.

Adjunto do gabinete, o capitão medico de 4.^a classe, Dr. Antonio Franco Lobo; adjuntos das secções: da 1.^o, o capitão medico de 4.^a classe Dr. Antonio da Silva Cruz; da 2.^a classe, o capitão medico de 4.^a classe, Dr. José de Araujo Aragão Bulcão; da 3.^a, interinamente, o alferes pharmaceutico de 5.^a classe Alamiro Castellões.

Publicações recebidas

Agradecemos as seguintes publicações que nos foram offerecidas por seus autores :

Molestias do estomago.—Lições professadas na Faculdade do Rio de Janeiro pelo Dr. A. A. de Azevedo Sodré, Professor de Pathologia Medica da mesma Faculdade. Rio de Janeiro, 1899.

Le Bacille ictéroïde et sa toxine (expériences de contrôle) par M. M. J. B. de Lacerda et Affonso Ramos (Archives de, Médecine Expérimentale et d'Anatomie Pathologique, n. 3 Mai, 1899.)

Tuberculose.—Contagio, curabilidade, tratamento hygienico e prophylaxia.—Pelos Drs. Victor Godinho e Guilherme Alvaro.

S. Paulo, 1899.

Dysentery. By A. A. de Azevedo Sodré.—Rio de Janeiro.

Reprinted from Twentieth Century Practice of Medicine: vol. XVI.

New-York, William Wood & Company Publishers. 1899.

Anuario de Estatistica Demographo-sanitaria da Cidade de S. Salvador, pelo Dr. Eudoxio de Oliveira, Demographista da Inspectoria Geral de Hygiene. Anno de 1898.

